

Paulo-Roberto Andel

Outro monstro urbano

Eu sou um monstro urbano. Eu sou um dos muitos monstros urbanos da sociedade, tratado com total indiferença. Ninguém vai reparar se eu cair morto na rua. Nós ficamos assim, hoje nós somos assim, uma sociedade liderada pelo desprezo. Tenho vivido a espiar as esquinas, as pessoas e a gente. Tenho visto o sofrimento, os olhos esbugalhados cheios de lágrimas pelos rostos aí afora, as pessoas com fome, outras pessoas sonhando com um mísero emprego e muita gente sem rumo, nem destino.

Pode ser na TV. Pode ser na grande avenida ou no corredor do shopping center? Pode ser no mercado popular ou no sofisticado, até na tela do cinema e ponto: lá está o sofrimento, lá está o trabalhador, as pessoas humilhadas, oprimidas, longe, muito longe do que gostariam de estar em algum momento.

Tenho visto o ir e vir, a correria, a luta louca para se manter o respeitável posto de trabalho e, conseqüentemente, dinheiro para comer. Tem os ônibus e trens cheios, as pessoas oprimidas. Com fones de ouvido para se esconder do mundo. Tem as mãos mendigas estendidas, cheias de rugas e sofrimento, esperando o fim de vida menos triste, mas nem tudo é só derrota. Às vezes há construções: quando é possível, a gente faz festa, tem Carnaval, tem show na praia e as pessoas fazem seu churrasco. No fim do ano vêm as festas e alguns se abraçam, outros fingem que são felizes, outros desejam o melhor para todo mundo. Somos muito individualistas, mas nessa hora a gente mostra algum serviço.

Existe a tristeza, mas também há fagulhas de alegria, também há bons momentos mesmo para aqueles que têm muita dificuldade em ter uma vida razoável,

é o caso de dias recentes quando tivemos por aí um inevitável sentimento de Justiça, logo num país marcado por injustiça permanente. O bom da vida é a contradição. Prenderam pessoas que fizeram muito mal ao povo do país, humilharam, sabotaram riram e debocharam. Há quem diga que não existe lei do retorno, mas dessa vez ela retornou em cheio e se espatifou na cara de quem não tem coração.

Enquanto existe uma esperança de Justiça mínima, eu vou seguindo meu caminho pelas ruas, monstrinho urbano como tantos outros ignorados por aí. Ninguém repara em mim, ninguém pensa no que eu tô sentindo, nem se eu tenho sonhos. Ninguém quer saber se eu tenho família, esposa, filhos, se eu não tenho nada, se estou doente, nada, absolutamente nada. Eu ando pelas ruas e ninguém me dá bom dia, ninguém me olha. Talvez eu sequer exista, se pensarmos bem.

Tá tudo certo. A vida é assim, infelizmente nós constituímos as coisas desse jeito e acho que vai ser difícil de mudar, mas pelo menos hoje, só por hoje e só pelos últimos dias, voltei a acreditar que é possível ver um pouco de justiça na Terra e isso serve como combustível para as empreitadas que cada um de nós tem por aí.

Quer saber? Mesmo com tudo contra eu ainda sonho, eu ainda vejo a chance de alegria num garotinho com sua camisa tricolor rasgada, uma caixinha de doces e pulos de felicidade subindo a rampa daquele outro Maracanã. Ou outro garoto feliz perto da UERJ com sua pipa barata e o pequeno sonho de estar no ar. Eu sou um monstro urbano e todos me desprezam, mas dentro do meu peito bate um coração de valor, ao menos por enquanto.



A obra de Conceição Evaristo aborda questões raciais e sociais em tom poético

Enquanto o Jabuti não vem

Conceição Evaristo debate literatura e memória em evento que antecede a maior premiação literária do país

Por Affonso Nunes

A escritora Conceição Evaristo, uma das vozes mais importantes da literatura brasileira contemporânea, participa do Encontro do Esquentado Jabuti nesta terça-feira (16), no Teatro Carlos Gomes. O evento, que tem como tema “Literatura e Memória Viva”, antecede a cerimônia do Prêmio Jabuti, que pela primeira vez em seus 66 anos de história será realizada no Rio.

A iniciativa, promovida pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, integra a programação especial da Capital Mundial do Livro 2024, título concedido à cidade pela Unesco. Conceição

Evaristo, conhecida por obras como “Ponciá Vicêncio” e “Olhos d’água”, que abordam questões raciais e sociais com profundidade poética, dividirá o palco com a ativista da leitura Bel Santos Mayer, sob mediação do escritor e curador literário Henrique Rodrigues.

“Pela primeira vez em seus 66 anos de premiação, o Jabuti atravessa a Dutra e chega ao Rio de Janeiro. É o reconhecimento da CBL da importância do título de Capital Mundial do Livro concedido ao Rio pela Unesco em reconhecimento às políticas públicas de livro e leitura implementadas na cidade. É uma honra para os cariocas receber a festa de entrega do Jabuti, maior prêmio da literatura brasileira, assinalando a importância da leitura como objeto de política pú-

blica e fomentando o crescimento do mercado editorial”, comemora Lucas Padilha, secretário municipal de Cultura.

O Prêmio Jabuti, considerado o mais importante reconhecimento literário do país, tradicionalmente realizado em São Paulo, chega ao Rio como parte das celebrações que consolidam a cidade como centro de discussão sobre literatura e cultura. A premiação, que acontecerá em outubro, reconhece anualmente as melhores obras publicadas no Brasil em diversas categorias, incluindo romance, crônica, poesia, literatura infantil e juvenil, além de categorias técnicas como tradução e projeto gráfico.

O prêmio funciona em duas etapas: primeiro, uma comissão de especialistas seleciona até dez finalistas por categoria; depois, um júri técnico escolhe os vencedores. As obras concorrem em 20 categorias, sendo que o grande vencedor recebe o Livro do Ano, escolhido entre os primeiros colocados de cada categoria ficcional e não ficcional.

SERVIÇO

LITERATURA E MEMÓRIA VIVA (com Conceição Evaristo e Bel Santos Mayer)
Teatro Carlos Gomes – Salão Guarani (Praça Tiradentes, s/nº, Centro)
16/9, às 17h | Entrada franca